

## RESENHA

SÈVE, Bernard. *Montaigne: des règles pour l'esprit*. Paris : PUF, 2007, 393 páginas. Collection “Philosophie d’aujourd’hui”.

Lúcio Vaz\*  
lcvaz@hotmail.com

Entre os não muitos filósofos de formação e profissão se ocupando de Montaigne na França hoje, Bernard Sève encontra-se em um importante lugar, em consideração ao trabalho desenvolvido nesse belo livro e em vários artigos. Paralelamente aos seus estudos sobre filosofia da arte, disciplina que leciona na Universidade de Lille III, suas publicações sobre o inventor do ensaio – entre as quais se conta o verbete “Indifférence” no *Dictionnaire Montaigne* – têm sido muito comentadas entre os estudiosos de Montaigne.

Embora o livro de Sève se ocupe de diversos temas montanianos, o que ressalta aos olhos é sua visão, podemos dizer, inovadora sobre o ceticismo do filósofo perigordino. A posição e o valor do ceticismo nos *Ensaio*s e na vida de seu autor já foram largamente debatidos e entendidos em diferentes chaves de resposta. Os estudos clássicos de Pierre Villey veem a aproximação com a filosofia cética como uma fase intermediária entre o posicionamento estoico e epicurista de Montaigne. Outros acreditam que a retomada montaniana do legado pirrônico (ou cético-acadêmico) consistiria num meio ou trampolim para a valorização da fé e da graça. Distanciando-se a um tempo do modelo de Villey e do fideísta de Popkin, Sève argutamente procura farejar no conceito de espírito (e não de razão) o foco de aplicação do ceticismo de Montaigne, já não propriamente como meio, intencionado ou não, ao alcance da fé ou de qualquer doutrina.

\* Doutorando em filosofia na UFMG.

A ideia de que, para Montaigne, o espírito humano não contém naturalmente regras e a de que seu ceticismo tem um foco limitado de realização compõem as duas teses fundamentais do livro de Sève, estreitamente ligadas entre si: “c’est parce que l’esprit est dérégulé que la raison va se trouver conduite à adopter le scepticisme.” (p. 11).

A visão de Montaigne sobre o espírito está inteiramente ausente no ceticismo antigo, que se restringiu quase exclusivamente a promover o confronto de opiniões diversas. O uso do termo ‘espírito’ nos *Ensaio*s cobre em grande parte o que Kant denominou ‘entendimento’. Perigosamente fértil, mas também podendo ser felizmente fecundo, o espírito seria uma faculdade produtora de invenções (conceituais e de problemas), ao passo que a razão teria uma função passivamente argumentativa. As reflexões montanianas sobre os desvarios do espírito encontram-se, por exemplo, no ensaio “Da ociosidade” (I, 8), em que Montaigne introspectivamente reflete sobre o seu espírito desregrado.

Para Sève, há um aquém e um além do alvo da atividade cética. Os ameríndios com os quais Montaigne supostamente teria tido contato (I, 31) não são significativamente afetados pela *hybris* do espírito e da razão, assim como o vulgo e os animais. Para eles, não é necessário o remédio do ceticismo. Ao homem de saber (*savant*), por seu turno, obnubilado notadamente pelas presunções da razão demonstrativa, cabe a frenagem brusca da argumentação cética. A “Apologia de Raymond Sebond” é o principal, conquanto não único capítulo, que se ocupa com essa tarefa. Não se entenda, contudo, que as terras do além-ceticismo se resumiriam, na leitura de Sève, ao alcance metódico de uma certeza de tipo cartesiano. Não se trata de uma escada abandonada depois de se ter chegado ao topo. A vigilância das filosofias da *sképsis* não é provisória.

Para além do homem de saber, encontra-se a imagem e, talvez, o ideal regulador do sábio (*sage*), ilustrado pelos “espíritos vigorosos”, como Sócrates e La Boétie. É aquele que se afastando da arrogância do homem de saber, reaproxima-se do vulgo, mas agora, por assim dizer, rico em experiência. O sábio opera conscientemente no espaço cujas restrições foram evidenciadas pelo ceticismo. Mas vai além da reação cética ao dogmatismo por estar igualmente cômico do instinto humano do crer (tese apropriada por Sève do livro de Brahami *Le Travail du Scepticisme*) e de não ser indiferente a quase nada – elemento também ausente no ceticismo antigo.

Em Montaigne, o ceticismo sobre as pretensas certezas da razão não acarreta um silêncio sobre as incertezas. O velho problema de conciliar o uso da artilharia cética com o fato de Montaigne enunciar com frequência suas

opiniões sobre os mais diversos assuntos e mostrar particular adesão a algumas (como sua rejeição da tortura e da crueldade) é entendido por Sève à luz do que nomeia regras supletivas. Com esse conceito, Sève procura entender um conjunto de regras complementares que não detêm um caráter imperativo em sentido estrito, mas são instrumentos de limitação dos exageros do espírito, o qual naturalmente não tem regras. As regras supletivas são externas (o costume) ou internas (a conversação e o corpo).

Montaigne tem um faro muito apurado para perceber, à parte da questão filosófica sobre a verdade das crenças (como a crença na imortalidade da alma), a função delas de criação e sustentação de vínculos sociais entre as pessoas. A permanência de instituições estáveis, assevera-nos Montaigne, é algo a ser levado em conta por aquele que se põe a pensar e, mais que isso, a falar sobre o que pensa. O pessimismo epistemológico sobre eventuais demonstrações e inovações, resultante de seu ceticismo, desemboca, como é fartamente sabido, em um conservatismo. Assim, o costume deveria ter também um papel de “fixar” o espírito, de parcialmente impedir que ele se distraia e se esvaia volivelmente.

O diálogo é uma das mais importantes regras supletivas. Montaigne foi muito além da enunciação de princípios de polidez e prudência típicos do seu tempo (Guazzo, Castiglione) e teria, na leitura de Sève, embrionariamente formulado algo como uma ética do discurso, expressa de modo mais claro em “A arte da conversação” (III, 8). Nesse ensaio, componente fundamental do além-ceticismo, Montaigne está especialmente interessado em descrever um conjunto de características de uma pragmática não dogmática, algo distinto da *disputatio* técnica, bem como da já referida conversação mundana, pautada por princípios de polidez. A arquitetura imaginada por Montaigne, dentro da qual se exerce o jogo da conversação, exige a propensão para ouvir, a atenção à contrariedade de opiniões, a busca pela verdade; enfim, disposições que uma linhagem passando por Max Weber e Karl Popper valorizaria como parte das virtudes epistêmicas.

Mas não só de conversas se nutre o sábio. A atenção ao corpo, elemento amiúde associado a uma tendência epicurista na obra de Montaigne, desempenha um papel de contenção dos desvarios do espírito, por exemplo, pela capacidade de retenção ao presente e à experiência, como uma âncora evita a deriva de um navio.

Entre os pontos já julgados por alguns negativos em *Montaigne. Des règles pour l'esprit*, podemos arrolar, de modo mais geral, o que seria uma excessiva, quiçá opressiva tentativa de sistematização do pensamento errante de Montaigne, bem como pontualmente algum anacronismo ou impropriedade

de leitura. Sem dúvida, o texto de Sève contrasta metodologicamente com tendências dominantes no ambiente de estudos montanianos, desde os anos 1960, de concentrar a atenção em capítulos dos *Ensaíos* isoladamente. Efetivamente, algumas das seções do livro resenhado constituem um exame da estrutura de um ensaio (por exemplo, do II, 8 “Comment notre esprit s’empêche soi-même”), às vezes com alguma semelhança com a leitura filológica de Brody. Todavia, o esforço de encaixe da análise das partes em um todo organizado permeia o livro de Sève. Parece-me que seu esforço de compreensão estruturada do texto aparentemente caótico dos *Ensaíos*, quando não incorre ocasionalmente no segundo erro – inadequações pontuais de leitura – ferirá apenas a quem, por convicções hermenêuticas, prontificou-se a encontrar em Montaigne um exemplar de um intencionado caos, preconizado por teorias pós-modernas, pós-estruturalistas e assim por diante.

O texto de Bernard Sève se destaca pela clareza na exposição das ideias e na engenhosa articulação dos temas. Embora perigosa, também é digna de atenção e muitas vezes iluminadora a frequente aproximação com pensadores posteriores a Montaigne (Leibniz, Kant, Nietzsche, Habermas e assim por diante). Como instrumento para os leitores que investigam tópicos mais específicos entre os vários contemplados, o livro conta ainda com diversos índices, de autores citados, de capítulos dos *Ensaíos* referidos e, raro em livros franceses, de assuntos tratados.

Não seria inútil, à luz de tantas qualidades no rigor de sua pesquisa, que o livro fosse vertido à nossa língua. Um crescente número de leitores que no Brasil de hoje têm-se debruçado sobre a obra de Montaigne seria com certeza beneficiado.